

ATUAÇÃO ANTIRRACISTA COMO COMBATE AO RACISMO INSTITUCIONAL E ESTRUTURAL NA ENFERMAGEM

Maria da Soledade Simeão dos Santos

Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mariadasoledade@gmail.com

Introdução: O racismo não se limita a atos individuais, manifestando-se como um problema estrutural e institucional profundamente enraizado na sociedade brasileira, herança direta de um passado escravocrata que fez do Brasil a segunda maior nação escravista da era moderna e o último do ocidente a abolir a escravidão. Esta estrutura histórica forjou um contexto de invisibilidade e precarização para a população negra e indígena, dificultando a ascensão a espaços de poder, como grandes empresas e o ensino superior. Na Enfermagem, embora 57,4% dos profissionais se identifiquem como negros ou pardos, há uma desproporção evidente, com essa maioria concentrada em posições de nível técnico e com a menor remuneração, enquanto a minoria no ensino superior é majoritariamente branca.

Objetivo: O presente estudo objetiva analisar criticamente o panorama do racismo estrutural e institucional na sociedade e na saúde, especificamente na Enfermagem, propondo o debate sobre as ações afirmativas (como o sistema de cotas na UFRJ, que estabeleceu 40% das vagas para cotistas, conforme Resolução 16/2010) como um mecanismo de reparação e inclusão. Além disso, busca delinear estratégias de atuação antirracista necessárias para transformar a prática e o ensino da Enfermagem, promovendo a equidade e o reconhecimento da diversidade étnico-racial. **Material e Método:** Esta elaboração baseia-se em uma síntese de conteúdos que compreendem uma discussão teórica-conceitual sobre racismo estrutural e institucional, a análise do impacto das políticas de ação afirmativa no ensino superior em saúde (com foco na UFRJ), a contextualização histórica da sub-representação negra na Enfermagem e a proposição de diretrizes para uma prática profissional e acadêmica antirracista. Fundamenta-se em princípios éticos da Enfermagem voltados para a justiça e equidade, utilizando o Código de Ética como pilar para a promoção do cuidado integral e humanizado. **Resultados**

e Discussão: O racismo na Enfermagem se manifesta na disparidade salarial e de cargos, na invisibilização de figuras históricas negras como Mary Jane Seacole e Yvonne Lara, e na ausência de autores e autoras negros e indígenas nos conteúdos acadêmicos. As ações afirmativas se mostram vitais para a inserção dessas populações no ensino superior, mas exigem que a academia vá além do acesso, oferecendo um espaço seguro para o desenvolvimento do pensamento crítico e engajamento político antirracista. A discussão revela que a invisibilidade dos indivíduos negros e indígenas afeta diretamente a qualidade do atendimento em saúde, com vieses na avaliação de sintomas e invisibilização de suas dores. **Conclusão:** É imperativo que a Enfermagem assuma um papel de liderança ética e social na luta antirracista, desconstruindo o racismo institucional e estrutural em suas bases de formação e prática. A atuação antirracista é o caminho para o reconhecimento pleno das contribuições históricas de profissionais negros e para a garantia de uma saúde verdadeiramente equânime para toda a população.

Contribuições para Enfermagem: As contribuições se concentram na adoção de um currículo com recorte racial, incluindo o debate de autores negros e indígenas e a incorporação obrigatória da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. É crucial apoiar a formação de coletivos de estudantes étnicos para o fortalecimento da identidade e a observância da trajetória e sucesso desses grupos na academia.

Descritores: Racismo Estrutural, Ações Afirmativas, Enfermagem, Equidade.